

# humanitas

Vol. LVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LVIII • MMVI



NIETO IBAÑEZ, Jesus M<sup>a</sup> (coord.): *Estudios sobre la mujer en la cultura griega y latina*. XVIII jornadas de filología clásica de Castilla y León (Universidad de León, 2005) 347 p. ISBN 84-9773-201-4.

Os *Estudios sobre la mujer en la cultura griega y latina* são o resultado das conferências e debates desenvolvidos nas XVIII Jornadas de filología clásica, realizadas na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Leão, de 2 a 5 de Novembro de 2004. O tema escolhido para as jornadas de 2004 é motivado, como salienta na introdução o coordenador, Nieto Ibáñez, por uma série de publicações científicas sobre a mulher, pela constante eferescência em que se encontram as investigações sobre o tema, e pela consequente revisão de postulados tradicionais.

Sem reclamar o estatuto de um estudo exaustivo e exclusivo, esta obra apresenta-se, de algum modo, como uma espécie de síntese: colige dezasseis contributos que abordam aspectos distintos da dimensão social, humana, política, literária, jurídica, mítica e religiosa, trabalho por vezes difícil, uma vez que se reconhece que uma história narrada por homens foi frequentemente parcial e injusta com o mundo feminino.

A colectânea divide os estudos em três partes: Grécia, Roma e Idade Média latina. A antiguidade grega reúne oito artigos. O primeiro, da autoria de Carmen Barrigón Fuentes (Universidade de Valladolid), trata o tema da mulher e cultura no mundo antigo (pp. 17-38), com a variação que ocorreu em diferentes épocas (arcaica, clássica e helenística) e em diferentes cidades (Atenas, Esparta, ilhas), e estuda as personalidades que, a despeito do contexto sócio-cultural e da misoginia, patente na literatura, superaram o silêncio e se tornaram agentes de cultura, como é o caso de Safo. A autora procura destacar a progressiva emancipação da mulher, visível, na época helenística, pela acentuada presença nos círculos literários e musicais e alargada, na época imperial, ao cultivo da filosofia, astronomia, matemática. Mais à frente, no que respeita às relações da mulher com a filosofia na Grécia (pp. 111-122), Inmaculada Rodríguez Moreno (Universidade de Cádiz), ocupa-se a descrever filósofas famosas que, fugindo ao arquétipo da mulher ateniense, se impuseram num mundo de homens, de modo que a sua influência se prolonga até aos nossos dias.

Francisco Cortés Gabaudan (Universidade de Salamanca), perspectiva a mulher a partir da oratória (pp. 39-62), pelo que procura deslindar a situação jurídica e legal da mulher ateniense reflectida nos discursos dos oradores de finais do século V e princípios do IV a.C. a partir de alguns temas fulcrais: a importância da legitimidade dos filhos, a submissão ao *kyrios* e a pertença a um *oikos*, os direitos da mulher, o contrato de matrimónio, os tipos de divórcio, o adultério e o homicídio legítimo do sedutor, a prostituição e o concubinato, as

diferenças entre a mulher pobre e mulher rica no que concerne à liberdade de movimentos. Cada um destes assuntos é fundamentado com textos retóricos traduzidos para castelhano. O estudo da mulher como figura satírica no epigrama grego (pp. 83-95) é a proposta de Begoña Ortega Villaro (Universidade de Burgos). A análise dos motivos de burlesco presentes no livro XI da *Antologia Palatina* mostra que a mulher só se apresenta como objecto de sátira no que se refere aos seus vícios e não como ser distinto do homem. Continuando no domínio da literatura, Enrique Pérez Benito (Universidade de Valladolid), trata a visão da mulher na novela grega antiga, particularmente no caso das *Etiópicas* de Heliodoro de Émesa (pp. 97-109). Nesta obra a protagonista, Cariclea, educada como filha de Cáricles, reflecte paradigmas tradicionais do comportamento da mulher grega e as restantes personagens femininas servem a função de apresentar exemplos contrários à heroína, para assim reforçar o ideal proposto. Mas, como conclui este autor, para além da mulher ideal, Heliodoro pretende representar um modelo de amor baseado na unidade do casal: se Heliodoro é testemunho da crise de valores da época imperial, é também uma alternativa a ela, na mesma linha da espiritualidade das religiões de salvação, de que se destacou o cristianismo. Rosa-Araceli Santiago Álvarez (Universidade Autónoma de Barcelona) analisa o acolhimento e protecção a mulheres estrangeiras a partir do testemunho das *Suplicantes* de Ésquilo (pp. 143-176). O artigo trata o problema da relação com os estrangeiros (terminologia e instituições) a partir de passos significativos daquela tragédia, salientando a evolução política e jurídica e possíveis reflexos ideológicos, com fins provavelmente propagandísticos, das leis de Atenas relativas à abertura da cidade aos estrangeiros.

Quanto a temas de cultura, J. M. Nieto Ibáñez (Universidade de León) estuda a mulher no desporto a partir dos mitos e ritos femininos que parecem ser antecedentes remotos do desporto feminino (pp. 63-81). Depois de analisar várias figuras femininas mitológicas com traços atléticos e diversas provas rituais e desportivas, salienta que a morte do pretendente vencido nos mitos representa a luta pela conquista e sobrevivência e a oposição amor/morte e que o *agon* mítico será o reflexo do antigo matriarcado mediterrânico. Mais à frente, Aurelia Ruiz Sola (Universidade de Burgos) disserta sobre as heroínas gregas e o transvase cultural (pp. 123-141). Depois de se ocupar da definição do termo heroína e das fontes literárias antigas que fundamentam o tema, reflecte sobre os aspectos de transferência cultural, uma vez que, como diz a autora, “El arte, en efecto, se nutre de lo vital, que es perenne y aflora a través de una tradición en diversas formas”. Centrando-se em Lorca, verifica que o material mítico é transmitido e conserva seu valor e força, embora com as diferenças inerentes à época em que este autor se insere.

A abrir a parte relativa a Roma figura um artigo sobre a problemática da condição jurídica de Cíntia, musa de Propércio (pp. 179-191), assinado por Arca-

dio Del Castillo (Universidade de Alicante). Este estudioso, partindo das informações da elegia 2.7, inclina-se para considerar aquela mulher como uma liberta, pelo que a legislação de Augusto de 28 a. C. não impediria que Propércio se casasse com ela (como pensam os que acham que se trataria de uma *meretrix*), mas que os filhos resultantes dessa união seriam ilegítimos.

O tema dos espaços de poder da mulher em Roma ficou a cargo de Rosario Cortés Tovar (Universidade de Salamanca) que, ilustrando a sua exposição com exemplos famosos, salienta os factores que favoreceram a progressiva conquista de poder das mulheres no espaço público nos últimos séculos da república (pp. 193-215). Esta autora salienta a ideia de que não se pode falar de acções feministas (o que, de resto, soaria a anacrónico), pois as mulheres poderosas agiam apenas como prolongamento do interesse familiar e sem colocarem em causa o poder patriarcal tradicional. Tatiana García Labrador (Universidade de León) trata a situação ambígua da mulher e o poder oculto do seu sangue na antiguidade greco-latina (pp. 217-231). Ao analisar crenças e ritos purificatórios relativos ao contacto com o sangue, e mormente o sangue menstrual, a autora sugere que a misoginia talvez não seja mais que receio do poder fertilizador e do sangue; e a ambiguidade que caracteriza a mulher seja reflexo da ambiguidade do sangue como força de vida e, ao mesmo tempo, como substância geradora de poluição em quem a toca.

A prostituição na Roma antiga é discutida num longo e bem fundamentado estudo (pp. 233-266) por Manuel-Antonio Marcos Casquero (Universidade de León), que trata convenções sociais, tipos de prostitutas, zonas e locais onde operavam, origem dos termos comuns e ofensivos da profissão, preços das diversas categorias, fontes de abastecimento recrutamento, festivais religiosos onde participavam as prostitutas. Cristina de la Rosa Cubo (Universidade de Valladolid) encerra a parte relativa a Roma com um estudo sobre *matrona* e *docta puella* (pp. 267-281), onde analisa os modelos tradicionais e a realidade do início da época imperial, mostrando que, a despeito das descrições moralizantes, os dois modelos eram muitas vezes conciliáveis ao mais alto nível.

Completa a colectânea um grupo de três estudos sobre a Idade Média. Magdalena Arias y Alonso (Universidade de León) faz uma análise linguística e formular, centrada nos aspectos sócio-económicos do casamento, de *kartulae arrarum* (pp. 285-302), nome genérico de vários documentos de doação matrimonial. Carlos Pérez González (Universidade de Burgos) trata as possessões demoníacas de mulheres na hagiografia latina carolíngia (pp. 303-327), particularmente na *Translatio sanctorum Marcellini et Petri* de Eginardo, onde a mulher aparece como vítima propícia das forças malignas. A fechar o volume aparece um artigo sobre a presença da mulher na *Chronica Adefonsi Imperatoris* (pp. 329-347), da autoria de Maurílio Pérez González (Universidade de León), que inclui rainhas e plebeias.

Trata-se, como se vê, de uma obra onde confluem várias sociedades e várias perspectivas de abordagem. Está continuamente presente a análise textual, de vários géneros literários, completada com referências a outras fontes não literárias. Os estudos reiteram o facto de se tratar de história escrita por homens, pois se verifica que, mesmo quando as mulheres intervêm, não põem em causa a perspectiva tradicional. Nota-se um certo cuidado em evitar a contaminação com preconceitos actuais ou com os chavões de feminismo ou machismo, procurando, ao invés, integrar os exemplos descritos nas culturas em que se desenvolvem, numa perspectiva sincrónica, ou salientando as mudanças ao longo das várias épocas estudadas.

Pessoalmente, senti a falta, na parte relativa a Roma, de um ou vários estudos sobre as célebres esposas e mães do início do Império, como Lúvia, Antónia, as Agripinas, Messalina, a despeito das diversas menções que lhes são feitas de modo esparso nos artigos referidos. Já para não falar da importância para a cultura de mulheres como Póla Argentária, viúva do poeta Lucano, ou dos modelos de elevação moral celebrizados na literatura, como Árria, a heróica esposa de Cecina Peto.

Salta à vista, neste volume, o enriquecimento devido à partilha de saberes de estudiosos de várias universidades, o que tem toda a pertinência num mundo em que tanto se fala de mobilidade. Um número significativo de trabalhos apresentados integra-se em projectos de investigação subsidiados pelo *Ministerio de Ciencia y Tecnologia*.

JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO